

A CONSCIÊNCIA NA FENOMENOLOGIA HUSSERLIANA¹

THE CONSCIOUSNESS IN THE HUSSERLIAN PHENOMENOLOGY

Luis Carlos Ribeiro Alves²

RESUMO:

Este artigo analisa o papel fundamental da consciência na construção da teoria fenomenológica de Edmund Husserl. Divide-se em quatro partes: na primeira apresentamos o questionamento central e as bases da teoria fenomenológica de Husserl; no segundo momento analisa a temática da consciência e sua relação com a intencionalidade para no terceiro momento analisar as relações da mesma com o mundo nos aproveitando de uma breve análise de suas *Meditações Cartesianas* que analisamos na última parte.

PALAVRAS-CHAVE: Consciência. Fenomenologia. Husserl. Intencionalidade.

ABSTRACT:

This article examines the role of consciousness in the construction of phenomenological theory of Edmund Husserl. It is divided into four parts: the first presents the central question the foundations of the theory and phenomenology of Husserl, in the second, it analyzes the themes of consciousness and its relationship with the intention to analyze the third time the latter's relations with the world in leveraging a brief review of his *Cartesian Meditations* we reviewed in the last part.

KEYWORDS: Consciousness. Phenomenology. Husserl. Intentionality.

1. Questões Iniciais

Husserl (1859 – 1938), filósofo alemão, considerado o maior expoente da corrente filosófica da fenomenologia, fonte de inspiração de todos aqueles que se propõem a filosofar, mesmo que a partir de uma simples xícara de café, por meio de sua obra aponta um novo caminho para a filosofia, o estudo do fenômeno, ou seja, tudo aquilo que nos aparece no mundo ao nosso redor. Destacaremos as principais influências que recebeu para fundamentar sua teoria fenomenológica, bem como o seu objeto mais importante, a consciência e a intencionalidade em suas manifestações no mundo. Por fim destacaremos algumas das reflexões de Husserl em uma de suas obras mais importantes, as *Meditações Cartesianas*. A Fenomenologia, de acordo com Reale (1991, p.553), se apresenta como pensamento

¹ Artigo recebido em 18/12/12 e aprovado para publicação em 15/06/13.

² Mestrando em Educação na Universidad Del Salvador (Argentina); Professor da Faculdade Kyrios (FAK) e do Instituto de Formação e Educação Teológica – IFETE e da Rede Pública de Educação do Estado do Ceará – Brasil. Especialista em Ensino de Filosofia. Contato: lc.ribeiro.alves@hotmail.com

desconfiado em relação a todo apriorismo idealista, e, portanto, oposto ao positivismo, voltando-se para o concreto e, mais próxima possível dos dados imediatos, a partir dos quais, as teorias devem ser elaboradas.

E é enquanto Ciência que se preocupa em analisar e descrever as essências, assim não se trata puramente de uma análise psicológica da consciência e da percepção, tampouco uma análise científica, visto que a fenomenologia não trata de dados de fatos particulares, senão de ideias universais que fundamentam e constituem os referidos fatos. Desse modo, ao propormos refletir acerca da consciência na fenomenologia husserliana, não nos estamos propondo a fazê-lo enquanto uma reflexão científica ou do ponto de vista psicológico, mas muito mais voltado para o campo da ontologia, ou seja, da fundamentação das ideias universais que permeiam a consciência e seus diversos modos.

Em um primeiro momento tratamos de apresentar e discutir acerca da Fenomenologia de Edmund Husserl e as influências que recebeu em seu processo de construção de seu sistema filosófico, dentre as quais destacamos as influências de Descartes e de Franz Brentano. Posteriormente reflete acerca da concepção geral de consciência na filosofia e o conceito de intencionalidade, fundamental para a compreensão da reflexão fenomenológica husserliana.

2. A Fenomenologia husserliana

Uma das maiores influências sobre o pensamento de Edmund Husserl foi a de Descartes. Foi ele quem apontou a Husserl a possibilidade da busca por uma ciência racional universal acerca do ser, uma ciência capaz de abandonar o mundo objetivo, tomando em conta sobremaneira a problemática central do sujeito pensante. Para Husserl, entretanto o conhecimento fundamental e indubitável do sujeito não é o ponto de partida de sua fenomenologia, mas sua preocupação está mais centrada no *Cogitatum*, ou o pensado, enquanto este pode ser compreendido como um relato daquele *Cogito*.

Antes de negar qualquer relação com objetos exteriores Husserl produz uma redução do fenômeno em sua pureza como um aparecimento em si mesmo, ou seja, como um em-si puro revelado à consciência. Sua fenomenologia não será outra coisa, que o estudo desse tipo

de fenômeno puro e absoluto, de modo que esta tem a pretensão de ser uma filosofia pura, e é justamente nesse sentido que se mostra a pretensão inicial do filósofo, que é a de um retorno às coisas mesmas. Na compreensão de Gilles “A fenomenologia assim considerada pretende descrever com toda fidelidade, dentro de uma atitude penetrante, os fenômenos: as coisas consideradas como meros aparecimentos na consciência.”³

Husserl possuía uma preocupação muito grande com a correção e a exatidão o que o levou a se auto-corrigir e superar-se em cada análise que fazia, sempre visando a um aperfeiçoamento de seu método, assim sua filosofia é perpetuamente pautada por uma abertura e um dinamismo próprios de uma consciência sempre aberta ao próprio dinamismo da intencionalidade. Tal fundamentação e organização em sua teoria, Husserl apresenta como antecessora a qualquer sistematização de modo que todos os conceitos e termos permanecem em constante devir. Assim a fenomenologia é apenas um estudo puramente descritivo das ocorrências do pensamento e do aprendizado adquirido dessa observação. A fenomenologia nesse sentido tem uma postura semelhante a da ciência e é exatamente a partir disso que Husserl irá distinguir a fenomenologia de todo o pensamento filosófico desenvolvido até então; para ele a posição da filosofia deveria ser científica, ou de descrição do mundo. Assim, o centro de sua preocupação ao longo de suas pesquisas foi sustentar a busca por uma fundamentação da filosofia como ciência de rigor.

Nessa tentativa que perpassa todo o seu pensamento filosófico o pensador defende a filosofia como uma ciência, no entanto diferente das ciências naturais; em *A Idéia da Fenomenologia* afirma sua distinção entre ciência natural e ciência filosófica: “A primeira brota da atitude espiritual natural; a segunda, da atitude espiritual filosófica.”⁴

Assim a fenomenologia e seu método fundados por Husserl têm por fim a descrição dos fenômenos e sua lógica. O fenômeno é, portanto, algo externo a nós e que aparece a consciência, é ele, o próprio aparecer à consciência e é ele que determina o modo como aparece à nossa consciência e como o percebemos, ou seja, o aspecto sob o qual ele se nos dá.

Para compreendermos melhor sua fenomenologia faz-se necessário que compreendamos primeiramente seu conceito de consciência de que esta é carregada em toda a

³ T. R. GILES, *História do Existencialismo e da Fenomenologia*. São Paulo: EPU e EDUSP, 1975. (Vol. I.) pp.158-159.

⁴ E. HUSSERL, *La Idea de la Fenomenologia*. Disponível on-line em <http://www.bibliotheka.org>. Tradução nossa.

sua extensão teórica. Passemos, portanto, a concepção defendida por Husserl da temática da consciência, assim como a intencionalidade, que este considera como crucial a consciência.

3. Conceitos de consciência e intencionalidade

A concepção de consciência defendida por Edmund Husserl é aquela mesma defendida já anteriormente por Franz Brentano⁵. Husserl dirige seu método de forma bem mais específica para um novo campo exclusivamente de investigação da experiência transcendental, experiência essa, que ele percebe como um apontamento do seu método fenomenológico e conseqüente da validade de seu próprio método e dos movimentos anteriores realizados por este, tais como, a redução fenomenológica, a indução e a eidética; assim como a própria fundamentação da fenomenologia como ciência primeira que pretende fundamentar um novo conhecimento válido para sempre.

Husserl, a partir do *cogito* cartesiano construirá sua teoria da consciência e por receber grandes influências de Kant, assume a defesa da idéia de uma consciência transcendental, esta que se constitui como o resíduo fenomenológico fundamental produzido depois da suspensão de todos os conhecimentos, que ele nomeou como *epoché*⁶. A partir disso pode-se afirmar que

[...] a consciência retém em si mesma o *mundo*, com todas as realidades nele contidas a título de *objetos intencionais*. Mas, por outro lado, o mundo continua sempre transcendendo a esfera imanente da consciência e esta se encontra em contínuo movimento de *dar sentido* e constituir as realidades.⁷

⁵ Franz Brentano (1838-1917) padre católico, depois saído da igreja, foi professor da Universidade de Viena. Escreveu principalmente sobre Aristóteles (Obras como *A psicologia de Aristóteles*, 1867; *O cristianismo de Aristóteles*, 1882 dentre outras), contudo sua obra de maior sucesso foi *A psicologia do ponto de vista empírico*, 1874. É nesta obra que afirma o caráter intencional da consciência, caracterizando a intencionalidade como o *que tipifica os fenômenos psíquicos, que sempre se referem a algo de outro (representação, juízo e sentimento)* O que irá marcar a influencia de Brentano sobre Husserl é o fato de ele ter sido seu professor na Universidade de Viena. (Fonte: REALE, 1991. p.557)

⁶ “A *εποχή* leva-nos a reconhecer reflexivamente que o mundo, que existe para nós, tira o seu sentido de ser de nossa vida intencional.” Ver: GILES, **História do Existencialismo e da Fenomenologia**. Op.cit. p.181. A apresentação mais direta do que foi esse método husserliano, trataremos melhor quando nos referirmos às relações entre a consciência e o mundo: *epoché*, *noese* e *noema*. um dos tópicos que se seguem neste capítulo.

⁷ ZITKOSKI, J.J. **O Método Fenomenológico de Husserl**. Porto Alegre: EDIPURS, 1994.. p.54.

A consciência, portanto é para Husserl, a condição de possibilidade de toda a construção do conhecimento, e, sobretudo no que se refere ao seu método pretensamente formado para fundar a filosofia como a ciência das ciências, ou seja, a ciência pura, sendo a consciência, enquanto resto de tudo aquilo que foi suspenso como conhecimento no mundo, o seu fundamento último.

Entretanto a função da fenomenologia, como a ciência que capta as estruturas fundamentais da consciência só poderá alcançar o seu fim caso se debruce ante a análise da intencionalidade da consciência. Tal análise tem a capacidade tanto de revelar as estruturas da própria consciência como também os objetos por ela pensados.

É tal a importância dada a intencionalidade por Edmund Husserl que toda a investigação sobre a consciência transcendental tem aí o seu ponto de partida. É ela fundamental à todo o método fenomenológico. Acerca da análise intencional Husserl afirma em *Conferências de Paris*: “*é o desvelamento das actualidades e potencialidades, nas quais se constituem objectos como unidades de sentido.*”⁸ ou seja, a consciência por meio da intencionalidade impõe sentido a todas as coisas com as quais se relaciona.

A vida da consciência não se constitui apenas como uma simples conexão entre inúmeros dados, muito menos como uma espécie de amontoado de fatos do pensamento ou como uma coleção de todas essas coisas; ela é acima de tudo e essencialmente intencional; tudo o que passa pela consciência do *eu* transcendental possui uma intenção com a qual está intrinsecamente ligado. Sua posição de transcendental se justifica porque não está simplesmente limitada a fatos da vivência psíquica momentânea, mas a ultrapassa tendo como interesse de análise todos os fatos à qual a consciência após sua percepção impõe-lhe significado.

A noção mais geral que podemos dar da idéia de consciência defendida por Husserl e já anteriormente por Brentano é a da própria afirmação destes, entendida até mesmo como uma mera trivialidade: “*toda consciência é consciência de alguma coisa*”, ou para expressar muito mais claramente, podemos dizer que esta é um puro ato de representação, ou seja, a intencionalidade se dá no momento em que o sujeito percebe determinada coisa ou objeto da consciência e lhe aplica uma determinada representação, como por exemplo, quando um sujeito vê uma bandeira, que não passa sequer de um pedaço de pano pintado de uma

⁸ HUSSERL. **Conferências de Paris**. Lisboa: Edições 70.s/d. p. 28.

determinada forma, e reconhece a partir daquele pedaço de pano, que ele indica um país ao qual aquele símbolo se relaciona, tal determinação por parte do sujeito não passaria de um simples ato de representação ou de intenção de relacionar tal símbolo com o fato a que se relaciona, assim como temos a capacidade de reconhecer a partir de determinados brasões a instituição a que ele está relacionado pela intenção com a qual visamos este objeto.

A “intencionalidade” será, para Husserl, um fenômeno da ordem da “representação”. Intencionar é tender, por meio de não importa que conteúdos dados à consciência, a outros conteúdos não dados, é reenviar esses outros conteúdos de maneira compreensiva. [...] Existe “intencionalidade” sempre que, através de um dado, nós “visamos” algo não dado, sempre que uma certa presença “exprimir” uma determinada ausência.⁹

O ato de representação em que consiste a intencionalidade da consciência na fenomenologia husserliana, antes pertencente ao puro domínio da representação toma para ele uma nova configuração à medida que agora são transplantados para o campo da percepção. Neste novo campo ele também dedicar-se-á a explicar as relações entre a consciência e mundo, ou seja, entre o que é percebido e a percepção que o percebe, entre o que é pensado e o pensamento que o pensa. Esta explicação ele dará a partir da retomada de antigos conceitos gregos brevemente modificados por ele: *noema* e *noese* originados a partir do *νοῦς* (*nous*) grego, que definia precisamente o momento dominado pelo pensamento. Vejamos como se dá de fato essa relação entre o pensamento e o pensado.

4. As relações entre a consciência e o mundo: *epoché*, *noese* e *noema*

Na fenomenologia husserliana podem ser distinguidas precisamente duas relações entre a consciência e o mundo; a primeira dessas relações é a da *epoché fenomenológica*, esta que aparece logo no início da investigação de Husserl, surgindo como o meio fundamental para retornar às coisas mesmas, ou seja, para abandonar tudo que é falso, voltando-se a análise das coisas mais manifestas, encontrando nas mesmas, pontos tão sólidos e indubitáveis de modo a poder, a partir daí construir e/ou fundamentar a fenomenologia como ciência pura,

⁹ MOURA, Carlos A. R. **Husserl: intencionalidade e Fenomenologia**. In. *Mente & Cérebro*. São Paulo: Ediouro. (*Série Mente, Cérebro e Filosofia*) Vol.5. p.11.

semelhante à dúvida cartesiana, Husserl apresenta a *epoché* ou redução fenomenológica como o seu método crucial da filosofia para que esta, alcance o *status quo* de ciência pura.

É por este método que se orientarão todos os momentos da investigação fenomenológica, sendo nos termos de Husserl nas *Meditações Cartesianas* um “primeiro princípio metódico”. A partir da determinação da *epoché* como seu primeiro princípio metódico “não poderia evidentemente nem emitir nem admitir como válido *nenhum julgamento, se não o obtenho a partir da evidência*, ou seja, em experiências em que as “coisas” e os “fatos” em questão me são apresentados “em si”.¹⁰

Entretanto o fato de um objeto que se me apresenta agora como evidente não determina que posteriormente ele se me apresente da mesma forma, tornando-se objeto de dúvida, visto que pode me aparecer como um simples objeto de aparência.

Embora se tenha a evidência do mundo as ciências devem portar-se de forma diferente em suas investigações, não se limitando apenas ao mundo empírico que lhes concede apenas uma autoridade ingênua. A atitude que deve ser tomada pelas ciências e a começar pela filosofia, como aquela que é antes de tudo a ciência primeira à suspensão da adesão a qualquer conhecimento. Tal suspensão é, não outra coisa que a prática da *epoché fenomenológica* que tem por objetivo nos garantir o acesso a um campo tão novo quanto inexplorado, que é o campo da vida transcendental da consciência.

A redução fenomenológica é, portanto o único meio pelo qual se pode alcançar a evidência *apodítica*, ou seja, é a *epoché* o único meio que permite alcançar a ciência *eidética*, isto é, a ciência do absoluto e da determinação firme e consistente onde nada pode ser colocado em dúvida, a ciência à qual Husserl almejava alcançar por meio de seu método.

A outra relação de fundamental importância no método fenomenológico husserliano e que se faz imprescindível sua compreensão para se poder entender a totalidade de seu método e da intencionalidade da consciência é a relação que distingue *noese* e *noema*, a qual Husserl resgata do pensamento grego clássico para determinar, respectivamente a consciência que percebe aquilo que percebe e ao que é percebido e intencionado pela consciência.

¹⁰ HUSSERL, Edmund. **Meditações Cartesianas**. São Paulo: Madras, © 2001, §5 p. 31.

Na atitude do eu de intencionar e durante esse processo, este eu projeta seu raio luminoso para o pólo oposto que é o pólo do objeto; tal raio luminoso é o que Husserl chama de *Noese*, atitude própria da consciência, que é a de visar e intencionar a todos os fenômenos percebidos por ela. É ela uma atividade inteiramente subjetiva, visto que é o ato do eu puro de conferir sentido às coisas/objetos materiais, ou seja, os conteúdos da realidade mundana que ainda não possuem um sentido primário intrínseco a si próprio.

Tal é a relação entre consciência e mundo material ou os objetos que Husserl nas meditações cartesianas afirma que

Sem tocar ainda no problema da identidade do *eu*, poderemos definir o caráter bilateral da investigação da consciência, descrevendo-o como uma coordenação inseparável. [...] descrevendo-o como uma “síntese”, por exemplo, como objeto de descrição a percepção de um cubo. [...] “este” cubo individual me é mostrado de maneira contínua como unidade objetiva, [...] numa multiplicidade variável e multiforme de aspectos [...] ligados por relações determinadas.¹¹

O caráter bilateral a que se refere Husserl é justamente o caráter noético-noemático de duplicidade entre o objeto pensado e a atitude da consciência enquanto pensa o objeto e lhe impõe sentido. *Noese* e *Noema* podem assim ser assemelhadas a outros conceitos usados por Husserl no latim, respectivamente *cogito* e *cogitatum*, respectivamente o ato de pensar do qual o eu se constitui em relação aos objetos e o objeto percebido e captado pelo *ego* por meio da consciência, o que lhe torna consciente daquilo que pensa e intenciona. Dessa forma Husserl pode alcançar a afirmação de que “o *cogito* tem consciência de seu *cogitatum* não em um ato não diferenciado, mas em uma “estrutura de multiplicidades” de caráter noético e noemático bem determinado, estrutura coordenada de maneira essencial com a identidade desse *cogitatum* determinado.”¹²

Agora, o que subsiste na consciência como fato geral e intencional, ou seja, como consciência de alguma coisa: o próprio fato de termos consciência da coisa que percebemos como objeto intencional e como uma unidade sintética de multiplicidade de modalidades de consciência noéticas e noemáticas, constituintes fundamentais das relações entre a consciência e o mundo, ou seja, as realidades materiais fenomênicas que nos aparecem.

¹¹ Idem. §17. p.57.

¹² Ibid, §17. p. 58.

5. A investigação da consciência nas *Meditações Cartesianas*

Nas *Meditações Cartesianas* Edmund Husserl apresenta uma introdução a sua teoria fenomenológica a partir das bases cartesianas tomadas por ele para fundar a sua nova teoria crítica do conhecimento e, essa nova teoria é responsável por “ter conferido a certos termos cartesianos um desenvolvimento radical”¹³ e, é exatamente essa radicalidade da fenomenologia husserliana que impede que ela possa facilmente ser denominada de cartesianismo.

O ponto inicial do percurso das *Meditações* é o da retomada do *ego cogito*, que se guia assim como o filósofo francês pela idéia de uma ciência autêntica e universal e até mesmo essa própria idéia deve ser posta em dúvida: “Como filósofos que buscam ainda o ponto de partida, não admitimos como válido nenhum ideal de ciência normativa; somente poderemos tê-lo à medida que nós próprios o criarmos.”¹⁴ e desse modo a fenomenologia tem por objetivo geral “conferir às ciências um fundamento absoluto”. Tal objetivo fará com que o filósofo parta da investigação da consciência e já da sua intencionalidade, ou seja, de seu ato de julgar; em seguida, para seguir os passos de Descartes, ele retoma o *ego cogito* como verdade primeira, na qual se deve fundamentar toda filosofia radical.

A partir dessa retomada do momento da subjetividade em Descartes, Husserl propõe-se a abster-se de toda a crença empírica, de modo que o mundo empírico também perca seu valor de verdade para assim alcançar a descoberta inicial de que “tudo o que é o “mundo”, todo ser espacial e temporal existe para mim, quer dizer, vale para mim”.¹⁵ A partir desse ponto no curso das *Meditações* ele tentará verificar a apoditicidade do *ego cogito transcendental* e percebe como faltou a Descartes a transcendentalidade, visto que aquele apresenta o seu *ego cogito* “como um “axioma” apodítico, que, junto com outros ainda não desvelados, ou mesmo com hipóteses encontradas por um caminho indutivo, deve servir de fundamento à uma ciência “dedutiva” e explicativa do mundo”¹⁶. o problema fundamental de Descartes, segundo Husserl foi o de que “tendo feito já a maior das descobertas, não captou nela o

¹³ Ibid. §1. p. 19.

¹⁴ Ibid. § 3. p. 26.

¹⁵ Ibid. § 8. p. 38.

¹⁶ Ibid. § 10. p. 41.

sentido correto, o da subjetividade transcendental. Ele não atravessou o pórtico que leva à filosofia transcendental verdadeira.”¹⁷

A *Segunda Meditação* Husserl dividiu em duas etapas; no primeiro ele percorre pela primeira vez o campo da experiência transcendental abandonando-se a evidência natural, que é própria desse momento; na segunda etapa em que divide a meditação Husserl objetiva passar à crítica da experiência transcendental e logo à crítica do conhecimento transcendental em geral fundando com isso uma nova ciência única e que se fundamenta no momento singular da subjetividade transcendental, opondo-se de tal modo a todas as ciências, enquanto estas são compreendidas como puramente objetivas; essa nova ciência é uma ciência da subjetividade objetiva.

A investigação da consciência, que é central a toda a investigação e teoria fenomenológicas, não abandona sua centralidade nas *Meditações Cartesianas* tratando de forma firme e concentrada o problema da investigação da consciência assim como do caráter dos problemas relativos a esta, tais como as direções que são tomadas pela descrição fenomenológica e sobretudo a determinação da forma originária da consciência que o autor determina como sendo a síntese, ou seja a de uma unidade de multiplicidades.

Husserl afirma ainda uma forma fundamental para a síntese da consciência, esta forma é a da identificação que

se apresenta inicialmente como uma síntese de um alcance universal que transcorre *passivamente*, sob a forma da *consciência interna do tempo*. Todo estado vivido tem sua duração vivida. Se se trata de um estado de consciência cujo *cogitatum* é um objeto do mundo [...] é o caso de distinguir a duração objetiva que aparece [...] da duração “interna” do processo da consciência.¹⁸

A identificação na temporalidade que ocorre à consciência se dá em períodos que lhe são puramente interiores e que se modificam de maneira contínua a maneira de uma síntese daquela totalidade de fatos da consciência, não ao modo de soma, mas como uma unidade daquela consciência única em que se desenvolve todo o processo intencional. Assim, em resumo o que podemos afirmar da análise da consciência na fenomenologia de Husserl, é que esta é não outra coisa que a própria análise da intencionalidade da mesma consciência e dos

¹⁷ Ibid. § 10. p. 42.

¹⁸ Ibid. § 18. p. 59.

processos internos a esta intencionalidade. Constitui-se como análise, sobretudo da multiplicidade de que a intencionalidade está carregada em cada estado de consciência, desse modo é o objeto aquele pólo de identidade entre a intencionalidade e o mundo material, onde este sempre terá um sentido pré-concebido e a ser realizado.

O objeto fundamental encontrado na análise da consciência pelo método fenomenológico está numa nova forma de justificar uma teoria filosófica que pretensamente se põe como ciência. Dessa forma

Vemos que a *análise da consciência*, entendida como intencional, *difere totalmente de sua análise no sentido comum e natural do termo*. A vida da consciência, [...] não é um simples todo composto de “dados”, suscetível, conseqüentemente, de ser “analisado” e, num sentido muito amplo, divididos em *elementos* primários ou secundários, [...] seu trabalho original é o de revelar as potencialidades “implicadas” nas atualidades [...] da consciência.¹⁹

O que Husserl quer dizer é que o trabalho original e fundamental da analítica da consciência e da intencionalidade consiste em revelar cada uma das potencialidades presentes nos atos da consciência enquanto intencional, isto é, nas relações noemato-noéticas. Dessa maneira, o que a análise da consciência toma por guia é o fato de todo *cogito* ser, em sentido amplo a significação da coisa que é pensada, mas uma significação que se ultrapassa a cada instante em que se dá. A partir disso o fenomenólogo desenvolverá suas meditações seguintes em que trata: na *terceira* dos problemas constitutivos da realidade, tais como a introdução dos conceitos de razão e não-razão; da evidência e suas variantes, assim como o sentido dos objetos existentes, e as regiões ontológicas. Na *Quarta Meditação* trata dos problemas referentes ao ego transcendental, dentre eles da digressão para alcançar na *Quinta Meditação* a questão que refletiremos posteriormente também em Sartre, que é o problema do *solipsismo*.

Chegamos ao ponto em que a fenomenologia husserliana esbarra em um sério problema que terá que enfrentar, que é o problema do *solipsismo*. De fato, a fenomenologia ao reduzir por meio da *epoché* fenomenológica o eu pensante em um eu transcendental e absoluto, não estaria reduzindo-o a um *solus ipse*, ou seja, deixa o eu abandonado e sozinho consigo mesmo no mundo, não aceitando outra existência consciente e intencionadora? Esta é

¹⁹ Ibid. § 20. p. 64. grifos do autor.

a pergunta que dirigimos a Husserl em relação ao problema do *solipsismo*, pergunta a que Husserl tenta responder apresentando um projeto de resposta que segue:

Precisamos nos dar conta do sentido da intencionalidade explícita e implícita, em que, sob o pano de fundo composto pelo nosso *eu transcendental*, se afirma e se manifesta o *alter ego*. Precisamos ver como, em quais intencionalidades, sínteses e “motivações”, o sentido do *alter ego* forma-se em mim e, sob as diversas categorias de uma experiência concordante do outro, afirma-se e justifica-se como “existente”, e mesmo à sua maneira como estando presente “ele mesmo”.²⁰

O outro será essencialmente um fio condutor transcendental, ou seja servirá de correlato ao meu *cogito* e todo o sentido que pode vir a ter para mim é o fará a minha vida intencional a partir das sínteses realizadas por ele mesmo, sempre em busca até encontrar sistemas de verificação em nossas consciências que sejam concordantes entre si. O problema surge antes de mais nada para Husserl como um problema apresentado diretamente ao sujeito acerca da existência do outro para mim e desembocará numa nova *teoria transcendental da experiência para o outro*, visto que

Os “outros” mostram-se igualmente na experiência como regendo psiquicamente os corpos fisiológicos que lhes pertencem [...] percebo-os ao mesmo tempo como sujeitos desse mundo: sujeitos que percebem o mundo [...] e que têm, dessa forma a experiência de mim, como tenho a experiência do mundo e nele, dos “outros”.

É dessa forma que Husserl tenta responder ao problema do solipsismo, colocando-a totalmente no campo da experiência que eu tenho do mundo e do outro na minha consciência, a medida que sou capaz de perceber o outro também como um sujeito que é capaz de reger-se a si mesmo e que são capazes de perceber o mundo, assim como eu o percebo.

Considerações Finais

O que podemos perceber a partir das leituras fundamentais da Fenomenologia de Edmund Husserl é a centralidade da consciência ante todo processo de relacionamento entre o homem e o mundo, ao mesmo tempo que procura responder ao problema do solipsismo, pois

²⁰ Ibid. § 42. p. 104. grifos e aspas do autor.

é exatamente por meio da consciência que o homem se relaciona com os outros homens e com o mundo a seu redor.

Cabe a partir disso realizarem-se ainda inúmeras pesquisas para se alcançar uma compreensão do todo do papel da consciência e de sua intencionalidade no que concerne aos modos como o homem se relaciona com o mundo a seu redor e com os outros homens, identificando-se com eles e sendo identificado por eles como um ser que também tem consciência e que se relaciona intencionalmente com tudo aquilo que está a seu redor.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GILES, T. Ransom. **História do Existencialismo e da Fenomenologia**. São Paulo: EPU e EDUSP, 1975. (Vol. I.)

HUSSERL, Edmund. **Conferências de Paris**. Lisboa: Edições 70. s/d.

_____. **La Idea de la Fenomenologia**. Disponível para download em <http://www.bibliotheka.org>. Acesso em 10/09/2008.

_____. **Meditações Cartesianas**. São Paulo: Madras, © 2001.

MOURA, Carlos A. R. **Husserl: intencionalidade e fenomenologia**. In. *Mente & Cérebro*. São Paulo: Ediouro. (*Série Mente, Cérebro e Filosofia*) Vol.5

REALE, Giovanni; ANTISERI, Dário. **História da Filosofia: Do Romantismo até nossos dias**. São Paulo: Paulus, 1991.

ZITKOSKI, J.J. **O Método Fenomenológico de Husserl**. Porto Alegre: EDIPURS, 1994.